

A pesquisa educacional no Brasil: tendências e perspectivas

Liliana Soares Ferreira¹
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Santa Maria – RS – Brasil

Correspondência:
Rum Um, 425 Parque Residencial Santa Lucia
Camobi – Santa Maria – RS
Cep: 97110-755
E-mail: anaililferreira@yahoo.com.br

Artigo recebido em 10/02/2008

Aprovado em 28/01/2009

Resumo

O artigo aborda as tendências de pesquisa, compartilhadas no país nos últimos anos e as percepções destas tendências no contexto educacional, a partir de sistematização, cuja base é a revisão bibliográfica e a revisão de apontamentos, ao longo da jornada como professora de Pesquisa em Educação nos últimos quinze anos. Tal forma de abordagem, como se pode perceber, assenta-se em uma perspectiva dialética, contemplando os movimentos e as contradições próprios dos espaços educativos e, portanto, sociais. Como sistematização, o artigo foi organizado de modo a apresentar concepções de pesquisa em educação, entender como se configuram estas concepções sob o ponto de vista histórico e sugerir algumas dificuldades do trabalho neste campo na atualidade, incluindo, neste aspecto, menções ao financiamento da pesquisa em educação no país. Estes temas apresentam-se imbricados e interdependentes ao longo dos argumentos.

Palavras-chave: Pesquisa. Educação. Sistematização.

Educational research in Brazil: trends and perspectives

Abstract

The article discusses the research trends, shared in the country in recent years, and the perceptions of these trends in an educational context, through a systematization based on a literature review and revision of notes taken during the working day, as a teacher in Educational Research over the last fifteen years. It can be seen that this form of approach is based on a dialectic view, contemplating the movements and

¹ Doutora em Educação e professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Rio Grande do Sul.

contradictions inherent to educational, and therefore social spaces. As a systematization, the article was organized to present concepts in educational research, to understand how these concepts are configured from a historical point of view, and to suggest some work difficulties in this field at the present time, including, within this aspect, financing of educational research in the country. These themes are interconnected and interdependent throughout the arguments.

Keys Words: Research. Education. Systematization.

Uma abordagem sobre os contextos de pesquisa exige explicitar, antes, de qual pesquisa se fala, tendo em vista as diversas possibilidades de se entender esta prática. Entendo a pesquisa como uma ação intencional e metodologicamente estruturada na busca de uma resposta para uma pergunta previamente elaborada. Produzir pesquisa é ser criativo, reinventar a história e os fazeres humanos sob um olhar particular. Trata-se de uma atividade coletiva, cuja função primordial é atribuir sentidos ao cotidiano, revendo e significando identidades e histórias. Nesta produção, o diálogo assume função preponderante: garantir não só o relato, mas a reflexão sobre as ideias relatadas. Utiliza-se a ideia de diálogo na perspectiva de Paulo Freire: estratégia de elaboração e explicitação de concepções reveladora da relação entre os sujeitos e a realidade, com base na qual se dá o processo de conscientização, emancipação e superação de desigualdades (FREIRE, 1986). No entanto, ao se pensar especificamente na situação dos professores, sobretudo em escolas públicas, cumprindo intermináveis jornadas de trabalho, percebe-se que a conscientização nem sempre é condição de emancipação. Estes professores, assim caracterizados, muitas vezes, estão conscientes de sua situação, mas se sentem incapacitados para propor alterações e sentem-se menos assujeitados. Sua condição de profissional está incluída nos discursos que o circundam, representada em falas que não são suas. Simplesmente dialogar sobre estas falas não representa modificá-las, é preciso agir em relação a elas. Assim, a pesquisa-ação surge como possibilidade de refletir e agir sobre discursos impostos. É a busca de uma significação através da linguagem.

Neste texto, farei menção às tendências de pesquisa compartilhadas no país, nos últimos anos, e às percepções destas tendências no contexto educacional. Tal forma de abordagem, como se pode perceber, assenta-se em uma perspectiva dialética, pois acredito ser necessário abordar qualquer fenômeno a partir de questões como: o que foi? Como é? Como poderá vir a ser? Deste modo, acredito estar contemplando os

movimentos e as contradições próprios dos espaços educativos e, portanto, sociais. Trata-se, do mesmo modo, de uma sistematização, cuja base é a revisão bibliográfica e a revisão de apontamentos ao longo da jornada como professora de Pesquisa em Educação nos últimos quinze anos. Como sistematização, o artigo foi organizado de modo a apresentar concepções de pesquisa em educação, entender como se configuram estas concepções sob o ponto de vista histórico e sugerir algumas dificuldades do trabalho neste campo na atualidade. Estes temas apresentam-se imbricados e interdependentes ao longo dos argumentos.

Iniciando a discussão...

Inicialmente, é importante destacar que falar em pesquisa em educação no país é algo recente. O povo brasileiro, por tradição cultural, acostumou-se a compartilhar as elaborações científicas oriundas de outros países. Entre estes países, estão, por exemplo, no século XVII², a França e a Inglaterra, nos quais há os primeiros indícios de um trabalho de institucionalização da ciência, confirmados por Newton, mais tarde, que estabelece parâmetros para que se determine o que é científico e o que não é científico (SCHWARTZMAN, 1982). Estes movimentos, iniciados fora das universidades, pouco a pouco, vão se inserindo nos meios estudantis daqueles países, criando uma renovada cultura universitária. Como é possível imaginar, não acontece o mesmo processo em Portugal e, já que esta é a mais próxima fonte de relações sociais brasileiras, não acontecerá aqui tal movimento. No século XVIII, surgem os trabalhos dos naturalistas, influenciando até mesmo a Literatura. No Brasil, teremos os movimentos Realista, Naturalista e o Impressionista, que, na esteira da ciência newtoniana, buscarão explicar a relação homem/animal a partir de aspectos sociais.

Arelada culturalmente a Portugal e, após a Primeira Guerra Mundial, passando a receber influências norte-americanas, a pesquisa em solo brasileiro andou mais lenta do que se pode imaginar, sempre em estado de dependência. Esta simbiose em termos de pesquisa gerou, por um lado, uma acomodação e, por outro, um preconceito cuja base sempre pareceu ser: tudo que é oriundo de outros países tem mais valor que a produção nacional. Nestas épocas, as incipientes pesquisas, normalmente patrocinadas por seus

² As referências sobre História da Educação estão embasadas em obra publicada em 2001, pela Editora Unijui.

pesquisadores, aconteciam na área da saúde, das tecnologias, dos transportes, enfim, nos setores considerados “úteis” e em franca expansão.

Um outro elemento que auxilia para se entender esta configuração da pesquisa no país é a história da universidade. No Brasil, no período colonial, só havia ensino superior na área da Teologia e, mais tarde, passa a haver nas engenharias e na medicina, além de outras áreas, porém sem a expressividade que já obtinham na Europa. No período Imperial, iniciaram-se tímidos movimentos em prol da configuração de espaços científicos locados nas universidades. Era a época da chamada “ilustração brasileira”, cujo protagonista era Dom Pedro II, tido como protetor da ciência e da cultura, embora não seja uma adjetivação unânime (FERREIRA, 2001).

Importante estabelecer uma relação entre os procedimentos de pesquisa acadêmica e a pesquisa em educação. Na educação, não havia projeto amplo, não havia políticas sequências em prol da escola para todos, não havia um Estado que investisse seriamente na ampliação e qualificação do sistema educacional. Mesmo com o advento da República, as iniciativas foram superficiais e muito relacionadas à política, em vez de um efetivo investimento social. Os modelos científicos serão inspirados, sobretudo, pela Alemanha e pela França, chegando demasiadamente tarde e, muitas vezes, distorcidos. O Positivismo encontrará terreno fértil no Brasil, mas será tomado de uma forma que não considerará as peculiaridades da cultura e da história do país, chegando, muitas vezes, a ser distorcido, tomado em sua vertente religiosa, já superada na Europa, onde já acontecera o advento do marxismo, o evolucionismo, o uso de métodos experimentais, entre outros.

No início do século XX, acontecem os estudos e a divulgação maior da Física, gerando, entre outros resultados, a bomba atômica. Outras tendências científicas chegam ao Brasil, nas áreas da biologia e da matemática, oriundas, sobretudo da França e da Inglaterra. Porém, as influências mais significativas virão da Alemanha que, devido à franca expansão do seu modelo educacional, já apresentava um sistema universitário que aliava pesquisa, ciência e formação profissional. Advêm destas fontes os temas a serem estimulados na pesquisa brasileira a partir de então, relacionados à biologia, à astronomia, principalmente. Uma pesquisa praticada por cientistas estrangeiros ou por brasileiros regressando de estudos fora do país.

Até então não se falava em pesquisa educacional no país.

A década de 1930, em todas as áreas sociais, foi marcante no sentido de inaugurar novos tempos, que vinham sendo gestados em alguns setores. Na educação, por exemplo, o Movimento Escolanovista, a criação da Universidade de São Paulo, a USP, assim como, em nosso Estado, a vinda dos imigrantes³ geraram uma instabilidade nunca antes sentida, pois havia uma conformidade primeiramente ao modelo jesuítico de prática educativa e depois à falta de uma política educacional. Esta instabilidade assentou-se na proposição do novo. Um novo radicalmente oposto ao que se praticava no país. Neste contexto, amparados pela ideia de projeto como metodologia de aula, divulgada pelos escolanovistas, surge a primeira e incipiente ideia de pesquisa. Observei esta ocorrência lendo as Revista do Professor, publicadas pela Associação Brasileira de Educação (ABE), surgida nesta época. Estas revistas eram enviadas para professores em todo o território brasileiro, contendo as experiências educacionais bem sucedidas, informações sobre autores, artigos. Meu avô, professor muito organizado e metódico, guardava todas, desde a década de 1950. Então, ainda criança, por volta de 1970, eu as lia. Guardo, até hoje, uma cópia de páginas de uma destas revistas, publicada na década de 1950, contendo um projeto sobre petróleo, desenvolvido em Ijuí, por uma professora municipal. Deduzi, então, estar aí o germen da pesquisa em educação: quando os professores já não simplesmente reproduzem os fazeres, mas buscam, a partir de sua própria realidade, produzir planejamentos e inovar.

Creio que outro aspecto significativo para o início da pesquisa em educação é o processo de industrialização do país, também a partir da década de 1930, gerando na escola a necessidade de acompanhar tal movimento. Acrescente-se a este cenário a criação do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (INEP).

Outro aspecto ainda é o espaço educacional da Universidade de São Paulo, estrategicamente localizada no centro do país e, de lá, emanando ideias e propostas em torno de uma educação em perspectivas menos tradicionais.

Após o período das guerras mundiais, surgem, no Brasil, importantes instituições fomentadoras e de apoio à pesquisa científica, tais como o Conselho Nacional de Pesquisas e a Fundação de Amparo à Pesquisa nos diferentes estados; outra é a presença da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, como instituição aglutinadora e

³ Sabe-se que cada grupo de imigração trazia consigo um religioso ou um professor, quando não eram a mesma pessoa, para dar continuidade à educação e garantirem que a cultura de origem não se apagasse em suas memórias, mantendo vivas, por exemplo, as crenças religiosas e a língua materna.

organizadora da comunidade científica; a criação e expansão de um sistema nacional de programas de pós-graduação em todas as áreas de conhecimento e, finalmente, a tentativa de estabelecer planos nacionais para o desenvolvimento científico e tecnológico do país. Não há dúvida que todos estes desenvolvimentos criam no país um clima bastante distinto para a atividade científica. As primeiras temáticas desenvolvidas em larga escala nas pesquisas em educação estavam relacionadas a temas específicos, segundo Gatti (2001):

(...) psicopedagogia, desenvolvimento psicológico das crianças e adolescentes, processos de ensino e instrumentos de medida de aprendizagem. Em meados da década de 50, esse foco desloca-se para as condições culturais e tendências de desenvolvimento da sociedade brasileira. Nesse período o país estava saindo de um ciclo ditatorial e tentava integrar processos democráticos nas práticas políticas. Vive-se um momento de uma certa efervescência social e cultural, inclusive com grande expansão da escolaridade da população nas primeiras séries do nível fundamental, em razão da ampliação de oportunidades em escolas públicas, comparativamente ao período anterior (Gatti, Silva, Esposito, 1990). O objeto de atenção mais comum nas pesquisas educacionais passou a ser nesse momento a relação entre o sistema escolar e certos aspectos da sociedade. (GATTI, 2001, p. 68).

Durante a década de 1960, consolidou-se o espaço de pós-graduação e ampliou-se significativamente a quantidade de cursos e instituições no país. Nestes espaços, gerou-se pesquisa. Infelizmente, muitas vezes, uma pesquisa somente para obter um grau. Mesmo assim, muitas delas significativas na reconfiguração dos ambientes educacionais brasileiros. Paralelamente, houve o aparecimento de uma diversidade de metodologias, referências, abordagens, muitas vezes, até confusas, na área da pesquisa educacional. Do mesmo modo, há uma preocupação maior em abordar sobre processos e não produtos, debruçando-se sobre o cotidiano escolar, focalizando o currículo, as interações sociais na escola, as formas de organização do trabalho pedagógico, a aprendizagem da leitura e da escrita, as relações de sala de aula, a disciplina e a avaliação. Os enfoques também se ampliam e diversificam.

O momento histórico seguinte, 1960, acompanhou pesquisas relativas a planejamento, economia e educação (GATTI, 2001). A década de 1970, o acesso a diversificadas publicações no mundo todo, a expansão do mercado livreiro, as oportunidades de “reciclagem”, como eram chamados os cursos de atualização para

professores depois da publicação da Lei 5692/71, geraram uma maior circulação de pensamentos teóricos educacionais. Também a pesquisa apresentou maior diversificação de temáticas:

(...) currículos, caracterizações de redes e recursos educativos, avaliação de programas, relações entre educação e profissionalização, características de alunos, famílias e ambiente de que provêm, nutrição e aprendizagem, validação e crítica de instrumentos de diagnóstico e avaliação, estratégias de ensino, entre outros. (GATTI, 2001, p. 68).

Com certeza, um maior desenvolvimento da pesquisa educacional no país, agora organizada, subsidiada e estimulada, acontecerá a partir de 1970, começando a se consolidar na década seguinte.

A propagação da metodologia de pesquisa-ação e da teoria do conflito no início dos anos 1980, ao lado de certo descrédito de que as soluções técnicas iriam resolver os problemas da educação brasileira, fazem mudar o perfil da pesquisa educacional, abrindo espaço a abordagens críticas, em uma perspectiva multi/inter/transdisciplinar e de tratamentos multidimensionais. Ganham força os estudos chamados de "qualitativos", que englobam um conjunto heterogêneo de perspectivas, de métodos, de técnicas e de análises, compreendendo desde estudos do tipo etnográfico, pesquisa participante, estudos de caso, pesquisa-ação até análises de discurso e de narrativas, estudos de memória, histórias de vida e história oral. Se nas décadas de 1960 a 1970 o interesse se localizava nas situações controladas de experimentação, do tipo laboratório, nas décadas de 1980 a 1990 o exame de situações "reais" do cotidiano da escola e da sala de aula é que constituiu uma das principais preocupações dos pesquisadores, a partir da inversão também do lugar de onde olha o fenômeno, antes fora e agora dentro do próprio fenômeno.

Esta variedade de temas, enfoques, abordagens e contextos fez emergir, no final dos anos 1980, um debate sobre o conflito de tendências metodológicas (LÜDKE, 1986) e sobre diferenças nos pressupostos epistemológicos das abordagens (TRIVINÓS, 2001), o que levou os pesquisadores da área a procurarem autores que discutiam o conceito de cientificidade, como Santos (1999). Do mesmo modo, nesta época, ampliam-se os espaços de pesquisa no interior de cursos de pós-graduação e nas instituições que vão surgindo: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em

Educação (ANPEd), Associação Nacional de Política e Administração da Educação (ANPAE), CNPQ e tantos outros. Para visualizar um panorama desta evolução em pesquisa, basta acessar os anais das Reuniões Anuais da ANPEd.

Constituído o cenário, as dificuldades da pesquisa em educação no Brasil

Concordo com Fazenda (1994) e Marques (2001), que uma das maiores dificuldades para os pesquisadores é o escrever. Marques (2001) ainda propõe que se deve escrever para pensar e não o contrário: pensar para escrever. Que escrever e coçar são atividades fáceis, necessitam apenas serem começadas e depois ficará difícil concluir. E que escrevendo se pode efetivamente produzir pesquisa. A escrita, nos meios acadêmicos, foi sendo tão encastelada que, aos poucos, pareceu tornar-se ação apenas de alguns, aqueles agraciados pela capacidade de produzir textos singulares, iluminados. Escrever é tão-somente produzir, sistematizar, criar. O próprio ato de redimensionar a primeira escrita, tornando-a uma segunda, mais elaborada, já é uma ação de pesquisa.

Há algumas questões bem pontuais. Inicialmente, apresentação de uma pergunta para a qual os pesquisadores ainda não têm resposta e que será a orientadora de todas as outras etapas. Outra questão é a descrição metodológica. A descrição das escolhas metodológicas não só estabelece os caminhos a percorrer e como percorrê-los, como estabelece parâmetros para a ação do pesquisador e a delimitação do material teórico. E, ainda, a confiabilidade das respostas obtidas e o grau de cientificidade destas.

Importante destacar a relação entre estas questões e o referencial teórico dos pesquisadores. É através do referencial teórico que a pesquisadora, o pesquisador enxerga o mundo, atribui sentidos, escolhe. Portanto, é fundamental conhecer-se ao ponto de saber quais são as tendências, as crenças, as possibilidades de uma abordagem científica em acordo com suas escolhas teóricas, evitando, assim, a superficialidade.

Um último aspecto considerado como dificuldade diz respeito ao financiamento da pesquisa. No Brasil, o Estado investe cada vez menos na educação e as políticas públicas denotam uma preocupação com o Ensino Fundamental como etapa de escolarização que formará mão-de-obra (nem sequer corpo de obra) barata. O ensino superior é tratado com descaso ou mediante propostas polêmicas, como cotas para afrodescendentes e indígenas, privatização e avaliação. Se, como se pensava com o

surgimento de instituições de pesquisa, expansão do CNPq, da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e das fundações estaduais, haveria uma diversidade de verbas para a pesquisa científica, o que se comprovou, houve também uma explosão de publicações e, como dizem diversos autores, a qualidade não correspondeu aos recursos disponíveis. Paralelamente, a associação do ensino com a pesquisa levou à necessidade de fazer currículo. Dessa forma, é comum encontrar trabalhos de professores universitários técnica e metodologicamente muito bem elaborados, mas que pouco acrescentam à produção do conhecimento. Publicados, portanto, unicamente para servir na obtenção de títulos.

Ainda outra questão se agrega: a associação entre pesquisa e extensão, como meio de ampliar os ganhos da universidade.

Parece haver, por parte do Estado, a isenção quanto à pesquisa educacional, pois esta, em acordo com as políticas educacionais, diretamente, não garante lucros, somente quando se centra na garantia de qualificação dos trabalhadores. Por isto, talvez, quando se observa os prêmios científicos do CNPq, percebe-se que os ganhadores são majoritariamente das áreas científicas ligadas à Física, à Matemática, à Nanotecnologia, às tecnologias em todas as suas variantes, parecendo confirmar que ciência para o governo brasileiro é sempre ciência aplicável na geração de tecnologia que, nas perspectivas neoliberais, está associada ao desenvolvimento social.

Enfoques em pesquisa educacional

Com base na leitura de autores que se dedicam a estudar a pesquisa educacional no Brasil (LUDKE, 1986; ANDRÉ, 1999; TRIVINOS, 2001; COSTA, 1996), pode-se apresentar duas tendências: a pesquisa positivista e a pesquisa com base nas teorias críticas.

O Positivismo constitui-se devido ao grande progresso das ciências naturais, particularmente das biológicas e fisiológicas, do século XIX, e representa uma reação contra o apriorismo, o formalismo e o idealismo, exigindo maior respeito para a experiência e para os dados positivos. Seu maior valor está na descrição e análise objetiva da experiência - através da história e da ciência. Dada essa objetividade da ciência e da história do pensamento positivista, compreende-se por que elas são fecundas no campo prático, técnico, aplicado, pois busca aplicar os princípios e os

métodos daquelas ciências à filosofia, como possibilidade de resolver os problemas do mundo e da vida, com a esperança de conseguir os mesmos fecundos resultados. O Positivismo admite, como fonte única de conhecimento e critério de verdade, a experiência, os fatos positivos, os dados sensíveis. A filosofia é reduzida à metodologia e à sistematização das ciências.

A pesquisa com base nas teorias críticas, por sua vez, contrária ao Positivismo, considera a realidade como um processo em movimento, em transformação. Nesta perspectiva, o investigador e o que é investigado estão em diálogo, comunicando-se, em um processo de cooperação e de contradições, através do método dialético. Por isto, é histórica e destaca a práxis. Inclui: o agir comunicativo (HABERMAS, 1992), Análise do Discurso (PÊCHEUX, 2002; ORLANDI, 1999), Etnografia (ANDRÉ, 1999), Histórias de Vida (ABRAHÃO, 2001, 2004; FISCHER, 2003), Pesquisa-ação (ELLIOT, 1997) e Pesquisa participante (BRANDÃO, 1999).

Gatti (2002) apresenta sérias críticas à formatação demasiada em um único enfoque, entretanto, destaca que qualquer que seja a opção do pesquisador, será necessário incluir-se culturalmente no enfoque, de tal modo a, efetivamente, produzir pesquisa com aquelas características, sabendo criar um problema, investigando-o com bases teóricas que não sejam meras cópias de autores, mas efetivo confronto, denotando a capacidade de o pesquisador produzir ciência e não simplesmente reproduzir textos e teorias.

A situação hoje e perspectivas

Com certeza, a pesquisa educacional avançou muito nos últimos anos. Entretanto, há muito a avançar, sobretudo no que se refere ao financiamento, à qualidade da produção e à divulgação. Em síntese, são necessários alguns aspectos bem pontuais:

- a) uma concepção de ciência que alie os fenômenos educacionais e a pesquisa, sustentada teoricamente e divulgada nos meios educacionais, evitando a confusão teórica e apoliticidade com que se revestem muitas pesquisas nos dias atuais;
- b) uma opção teórico-metodológica efetivamente embasada nos referenciais teóricos dos professores-pesquisadores, sustentável e evidenciada a partir dos caminhos da pesquisa;

- c) uma avaliação e divulgação de resultados das pesquisas, com periodicidade, com permissão de acesso à comunidade acadêmica à base de dados atualizados e a periódicos que efetivamente sejam publicados em tempos regulares.

Referências

- ABRAHÃO, M. H. M. B. **A aventura autobiográfica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- _____. **História e histórias de vida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- ANDRE, M. **A etnografia na prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1999.
- BRANDÃO, C. R. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- COSTA, M. V. **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Porto Alegre: Mediação, 1996.
- ELLIOT, J. **La investigación-acción em educación**. 3. ed. Madrid: Ediciones Morata, 1997.
- GATTI, B. A. Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. **Cad. Pesqui.**, Jul 2001, no.113, p.65-81. ISSN 0100-1574.
- _____. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano, 2002.
- FAZENDA, I. A. (Org.) **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- FERREIRA, L. S. **Educação & História**. 3. ed. Ijuí: Editora UNIJUI, 2001.
- FISCHER, B. T. D. “Professora, mulher maravilhosa: esposa modelo, mãe exemplar e mestra dedicada”. In: **Anais do III Congresso Internacional de Educação: Educação na América Latina nestes tempos de império**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- FREIRE, P; SHOR, I. **Medo e ousadia: cotidiano do professor**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- HABERMAS, J. **Teoría de la acción comunicativa, I – Racionalidade de la acción y racionalización social**. Madrid: Taurus Ediciones, 1992.
- LÜDKE, M. **Pesquisa em educação**. São Paulo: EPU, 1986.
- MARQUES, M. O. **Escrever é preciso**. Ijuí: Editora UNIJUI. 2001.

ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, São Paulo: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** 3. ed. São Paulo: Pontes, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. **Bases teórico-metodológicas da Pesquisa Qualitativa nas Ciências Sociais** – Idéias gerais para a elaboração de um projeto de pesquisa. Porto Alegre: Ritter dos Reis, 2001.

SANTOS, B. S. E. **Um discurso sobre as ciências.** São Paulo: Afrontamento, 1999.

SCHWARTZMAN, S. A Pesquisa Científica no Brasil: Matrizes Culturais e Institucionais. In: **Pesquisa Médica**, vol. 1. São Paulo, Editora Pedagógica Universitária; Brasília, 1982, p. 137-160.